



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|-----------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Da cidade narrada à história da cidade: a literatura como fonte para a história urbana

From Narrated City to the History of the City: Literature as a source to the Urban History

De la ciudad narrada a la historia de la ciudad: la literatura como fuente para la historia urbana

CASTRO, Ana Claudia Veiga de (1);

(1) Professor Doutor, Universidade de São Paulo, USP – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, SP, Brasil;
e-mail: anacvcastro@gmail.com



Da cidade narrada à história da cidade: a literatura como fonte para a história urbana

From Narrated City to the History of the City: Literature as a source to the Urban History

De la ciudad narrada a la historia de la ciudad: la literatura como fuente para la historia urbana

RESUMO

Se é certo que nas últimas décadas se nota um interesse renovado pelas conexões possíveis entre a história e a literatura, os rendimentos dessa ligação continuam sendo em grande medida um desafio. Do ponto de vista específico da história urbana, a incorporação de gêneros literários e discursos não especializados ao acervo de fontes tradicionais, além de ampliar seu catálogo documental, acabou por contribuir para a elaboração de um subcampo, chamado de história cultural urbana. Este trabalho pretende trazer elementos para se pensar os limites e as potencialidades desse tipo de fonte para a história urbana.

PALAVRAS-CHAVE: história urbana, literatura, cidade, historiografia

ABSTRACT

Admittedly, in recent decades we have been realizing an increasing interest in the connections that are made possible between History and Literature; however, the outcome of these connections remains largely a challenge. From Urban History perspective, the incorporation of literary genres and discourses not specialized into the collection of traditional sources, expands its documented catalog and eventually contributes to the development of a subfield, the Urban Cultural History. This work aims to gather elements together to be used as a tool to think about the limits and potential of this kind of source to the Urban History.

KEY-WORDS: Urban History, Literature, City, Historiography

RESUMEN:

Si es cierto que en las últimas décadas se nota un renovado interés en las posibles conexiones entre historia y literatura, en gran medida esa relación continúa siendo un desafío. Desde el punto de vista específico de la historia urbana, la incorporación de géneros literarios y de discursos no especializados al acervo de fuentes tradicionales, además de ampliar el catálogo documental, contribuyó para elaborar un sub-campo llamado historia cultural urbana. Este trabajo tiene como objetivo reunir elementos para pensar los límites y el potencial de este tipo de fuente para la historia urbana.

PALABRAS-CLAVE historia urbana, literatura, ciudad, historiografia



Da cidade narrada à história da cidade: a literatura como fonte para a história urbana¹

Já se disse uma vez que “sempre existiu uma íntima ligação entre a literatura e as cidades”, pois, como sabemos, é nas cidades que se encontram

as instituições literárias básicas: editoras, patronos, bibliotecas, museus, livrarias, teatros, revistas. Aí também estão as intensidades do contato cultural e as fronteiras da experiência: as pressões, as novidades, os debates, o lazer, o dinheiro, a alta rotatividade das pessoas, os fluxos dos visitantes, o som de muitas línguas, a rápida troca de ideias e estilos, a oportunidade de especialização artística (BRADBURY, 1989, p:76-77).

Essa ligação se afirmaria não apenas pelo fato da cidade ser o local fundamental da circulação literária, mas a partir de um determinado momento, “porque o artista moderno, tal como seus semelhantes, foi capturado pelo espírito da cidade moderna” (BRADBURY, 1989, p: 76-77).

Não à toa, o século 19 vê surgir um gênero literário novo, o romance, que dava conta de práticas urbanas informadas pela revolução industrial e pelos seus efeitos. A literatura produzida então tornava-se indissociável dessa nova experiência urbana². Mas se o conjunto de experiências dos habitantes das cidades narrado pelos literatos passava a ter no espaço urbano um traço importante da sua cultura, o que se nota é que a própria cidade passava a ser, ela mesma, uma personagem dessas narrativas, não sendo mais apenas palco ou cenário dos acontecimentos. Basta pensarmos aqui na Paris de Baudelaire ou Zola, na Londres de Dickens, na Petersburgo de Dostoiévski, na São Paulo de Mario de Andrade, no Rio de João do Rio, na Buenos Aires de Borges ou Roberto Arlt, entre tantos outros exemplos de autores que expressaram a sensibilidade moderna vinculada ao ambiente urbano e que formularam imagens de cidade que permanecem no nosso imaginário ainda hoje.

Desse modo, não é estranho que se tome a literatura como uma fonte para os estudos históricos urbanos. Uma literatura que nasce entranhada de maneira tão evidente no mundo urbano certamente contribui para o entendimento daquela realidade social. Ainda assim, é preciso ressaltar – como já mostraram os organizadores de um número da revista dos *Annales* dedicado a discutir a relação entre história e literatura – que a tradicional divisão entre o trabalho de historiadores e sociólogos que estudam a recepção e utilizações de obras, e o literário, destinado a sua gênese e interpretação, jamais se enfraqueceu. A despeito de haver um interesse renovado pelas conexões possíveis entre os dois campos nas últimas décadas (como os artigos enfeixados nessa revista demonstram), os rendimentos dessa ligação continuam sendo em grande medida um desafio (ANHEIN & LILTI, 2010). O que se propõe aqui

¹ Esse é um texto de trabalho, não um artigo acabado. Não se pretende aqui a defesa de nenhuma tese, antes a possibilidade de elencar caminhos para a reflexão sobre as cidades e sua história. Feita essa ressalva, vamos ao ponto.

² Valeria a pena explorar o livro de Franco Moretti, *O Atlas do romance europeu* (1997/ 2003), que espacializa o novo gênero literário desde seus primórdios, tornando visível a ligação entre geografia e literatura sob duas formas distintas: a do espaço na literatura – o espaço ficcional – e a da literatura no espaço – o espaço histórico. A despeito do ponto ser a literatura, o livro pode iluminar caminhos de reflexão para o pensamento sobre as cidades.



é justamente esboçar algumas considerações sobre esse problema, no que diz respeito mais especificamente à história urbana, ou o que vem sendo chamado mais propriamente de história cultural urbana. Como mostrou Almandoz,

a incorporação de gêneros literários e discursos não especializados – ensaio, narrativa, poesia, crônica de viagens, representação pictórica e cinematográfica, entre outros – ao acervo de fontes tradicionais da história urbana e urbanística, constituído pela literatura técnica e legal principalmente, veio a ampliar o catálogo documental desse novo subcampo disciplinar que é a história cultural urbana (ALMANDOZ, 2002).

Obviamente que essa ampliação de fontes enriquece a leitura que se faz das cidades, mas nos cabe pensar como isso se dá. Talvez sistematizando algumas formulações sobre o tema, possamos começar a discutir as potencialidades e os limites que a literatura como fonte para o estudo da história da cidade colocam³.

Enfrentei esse desafio ao tratar das crônicas de Menotti del Picchia escritas em e sobre São Paulo nos anos 1920 (CASTRO, 2005; 2009). Ao tomar aquele material como fonte privilegiada para o mestrado, fui tragada pelas ambivalências da cidade moderna, matizando conceitos e imagens sobre a São Paulo dos anos 1920 que pareciam cristalizadas. Foi a existência de um *corpus* documental consistente – crônicas sobre a cidade assinadas por Helios (pseudônimo de Menotti del Picchia) no jornal *Correio Paulistano* – o que me permitiu esboçar uma metodologia de trabalho para compreender o urbano que incorporava a dimensão simbólica, e mais que isso, a percebia como fundamental para o que a cidade se tornava naquele momento. Além das crônicas publicadas diariamente na coluna Crônica Social durante toda a década, era impossível não seguir a coluna de modas ou não dar atenção aos anúncios e à seção de fatos diversos publicados na mesma página, justamente num momento em que São Paulo começava a vivenciar o surgimento de extratos médios que consumiam e que a produziam, fosse como discurso, fosse como prática. Isso me levaria a perceber como os temas da cidade moderna estavam vinculados à formação de uma cultura urbana, explicitada naquele material. Daí em diante, seria por meio desse cruzamento de perspectivas que buscaria encarar as cidades.

Tais preocupações me levaram a estudar no doutorado o livro de Richard Morse sobre a história de São Paulo, *De comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo* (1954), republicado em 1970 como *Formação histórica de São Paulo: de comunidade à metrópole*, justamente pelo fato daquela “história urbana” considerada um clássico tomar dois movimentos literários como balizas temporais e, mais que isso, valer-se de autores e textos literários como fontes para a história da cidade (CASTRO, 2013). Vi-me então diante da necessidade de explicitar os pressupostos dessa história cultural urbana *avant la lettre*. A tese tenta explorar diversos caminhos, inclusive as reflexões do próprio autor, já que suas opções

³ Digo aqui começar pois este é um texto que pretende sistematizar algumas reflexões mais ou menos intuitivas feitas em outras oportunidades e formular um caminho de aprofundamento que possa apoiar a pesquisa que pretendo desenvolver daqui em diante, como docente no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU USP, a saber “As cidades e as ideias: A América Latina como problema para a história da cidade e do urbanismo entre práticas, discursos e representações (1930-1960)”.

metodológicas não haviam sido construídas de maneira ingênua ou casual. Leitor de Lewis Mumford, Morse dizia que o foco do estudo de uma cidade devia ser “o modo de vida da população”, ou, “a maneira como homem e meio interagem” (MORSE, 1949)⁴. Sem fixá-la numa descrição rígida – pois que se corria o risco de reduzi-la –, o historiador norte-americano apontava para a compreensão da cidade dentro de um processo de duração longa, definindo-a pela *vida urbana* que ali se estabelecera. Mas foi ao encontrar em São Paulo Antonio Candido que esses pressupostos ganharam forma e conteúdo. No contato com o crítico – é o que defendo na tese – Richard Morse construiu o arco histórico da evolução urbana de São Paulo entre o Romantismo e o Modernismo, e para tanto, apoiou-se nas figuras de Alvares de Azevedo e Mario de Andrade, e em seus escritos ficcionais e memorialísticos sobre São Paulo. A partir daí, ele monta sua tese sobre a evolução urbana de São Paulo.

Desse modo, o artefato urbano era alvo de análise, mas só se tornava inteligível quando visto também como campo de tensões. E mais que isso, era por meio das suas representações (de onde a cultura ganhava centralidade na análise) que se podia chegar de forma mais direta a esse entendimento. Como na cidade de São Paulo – parafraseando Morse – teria sido a partir do século XIX que as opiniões se fragmentaram, que o conceito de progresso fora assimilado, que a chegada de estrangeiros implicara na incorporação de novos valores, e que o espírito do novo tempo e o próprio desenvolvimento material havia levado seus habitantes a tomarem uma nova consciência de si mesmos – o que ele percebia por meio do cruzamento das fontes literárias com os documentos mais ortodoxos –, apenas o “talento” (a palavra é dele) do historiador é que poderia ser capaz de juntar tais estudos científicos e descrições de época para dar um sentido geral que se traduzisse numa narrativa histórica coerente (MORSE, 1949, p: 42).

O que motivou essa comunicação foi poder retomar um pouco essas preocupações, de modo a avançar na compreensão, como disse, das potencialidades e dos limites da literatura como fonte para a história da cidade. Uma alternativa para isso, me parece, é olhar para a forma como outros pesquisadores lidaram com tais problemas. Nem sempre preocupados com a história das cidades *stricto sensu*, alguns trabalhos forneceram contribuições importantes para o entendimento das mesmas, formando uma espécie de “campo ampliado” da história urbana. Como diz a historiadora Lynn Hunt (1996), “as palavras não reflet[e]m apenas a realidade social e política; [são] instrumentos de transformação da realidade”. Essa via de mão-dupla que se estabelece através dos textos literários não é evidente nem constante, mas, ao notarmos que uma determinada literatura é sensível às transformações da cidade, não podemos esquecer que ela também trata de dar sentido a essa mesma cidade. O desafio é justamente identificar quais são os pontos de intersecção (e quais os momentos em que ocorrem), percebendo onde as distintas lógicas são igualmente potentes, refletindo sobre as relações entre cidade e sociedade, entre cultura material e história da cultura, nos diferentes tempos que as atravessam (GORELIK, 2008).

⁴ Trata-se do artigo “O pesquisador social e o historiador moderno”, no qual o autor estabelece seus pressupostos mais teóricos e de procedimentos, digamos assim.



Pelos exemplos citados no início desse texto, é possível afirmar que as transformações do mundo a partir da revolução industrial – e a crescente urbanização advinda a partir daí – geraram uma literatura mais afeita a essas observações. Vou me deter aqui em dois exemplos hoje clássicos que formulam hipóteses válidas para a história da cidade. São dois trabalhos que lidam com a passagem do mundo pré-capitalista para a sociedade industrial – e cujo objeto não é a cidade em si: no primeiro caso, a literatura, no segundo, a modernidade – mas que ainda assim parecem mostrar, a partir do modo como operam, as potencialidades da ficção para o entendimento do mundo urbano. Trata-se de *O campo e a cidade na história e na literatura* (1973) de Raymond Williams⁵ e *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade* (1982) de Marshall Berman⁶.

Como o ponto de ambos não é a cidade, como dissemos, parece válido aqui gastar um tempo decifrando suas intenções. Tomemos primeiramente o famoso e muito citado *O campo e a cidade*. Ao discutir a poesia e a prosa inglesa a partir desses dois polos espaciais, Raymond Williams logrou elaborar uma compreensão da evolução capitalista, se quisermos chamar assim, que enriquece nosso entendimento da metrópole londrina e das metrópoles industriais que surgem inicialmente na Inglaterra e depois no mundo, mostrando de maneira sutil e precisa como há duas realidades sendo transformadas, que não são a mesma coisa:

A experiência inglesa – dirá Williams – é especialmente significativa na medida em que uma das transformações decisivas nas relações entre campo e cidade ocorreu na Inglaterra muito cedo e num grau tão acentuado que, sob certos aspectos, não encontra paralelo. A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo, ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo desde o desaparecimento do campesinato tradicional (WILLIAMS, 2009, p: 12)

O que impactaria não apenas o mundo urbano mas todo o território, podemos acrescentar. Ora, partindo dessa premissa, o crítico buscava olhar para o aparecimento das imagens rurais e urbanas na literatura, tentando precisar o momento em que se notaria a transformação das mentalidades de modo a colocar no mundo rural todas as potencialidades de um passado perdido frente à avassaladora transformação das cidades. E o que ele nota é que essa parece ser a característica da literatura inglesa desde há muito, podendo-se sempre voltar em busca de um passado idílico cada vez mais recuado no tempo. Esse um primeiro ponto de interesse, pois nos mostra como uma percepção de um mundo em transformação – que se exprime por meio dessa literatura – não tem lugar apenas com a revolução industrial, mas muito antes, sendo os literatos sensíveis a uma transformação de fundo, sub-reptícia, que ia corroendo a ordem rural por dentro, antes mesmo da nova ordem se fazer visível.

No decorrer das suas análises literárias, Williams também mostra que Londres não deveria ser compreendida como a “cidade industrial” no sentido que a expressão veio a adquirir posteriormente, porque mesmo antes ela já se tornara uma cidade imensa – ainda como um centro de manufatura e de distribuição. Posteriormente, essa cidade passaria a abrigar as duas

⁵ Reunião de diversos ensaios do autor, publicados em anos anteriores como artigos, e apresentações de coletâneas, e ainda nas palestras publicadas sob o título *The English novel from Dickens to Lawrence*.

⁶ Escrito como tese de doutorado entre 1972 e 1981, publicado em Nova York em 1982.

pontas do processo industrial, o menos e o mais especializado, e, a despeito dos avanços tecnológicos, cada vez mais o trabalho pouco especializado ganharia espaço, já que o setor têxtil (segmento particularmente importante para a economia inglesa) migraria para as regiões ricas em carvão no norte do país. Ainda assim, seguindo seu raciocínio, isso não impediu que a ela fossem atribuídos todos os significados da metrópole industrial. Se foram as novas cidades industriais, como Manchester, Birmingham ou Leeds as verdadeiras protagonistas do crescimento industrial, foi a grandiosidade de Londres “no tempo em que ela era única” que fez despertar a consciência de uma nova dimensão humana, um novo tipo de sociedade que genericamente ligamos ao mundo industrial (WILLIAMS, 2009, p: 247-259). E essa consciência se expressou e se tornou visível por meio da literatura.

As novas cidades industriais, por outro lado, “eram outra coisa”. Embora ainda emergentes, elas anunciariam de modo muito mais decisivo o novo caráter da cidade e as novas relações entre cidade e campo⁷. Esse seria imortalizado por Dickens na famosa Coketown:

algumas ruas grandes, todas muito parecidas, e ruas muito pequenas, ainda mais parecidas, habitadas por pessoas igualmente parecidas, que chegavam e saíam todas as mesmas horas, fazendo o mesmo som nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho, e para quem todos os dias eram iguais à véspera e ao dia seguinte, e todos os atos eram a imagem do ano anterior e do subsequente (apud WILLIAMS, 2009, p: 260).

Obviamente a história desse período é estudada por meio de muitas e muitas fontes, mas a síntese expressa por Charles Dickens nesse parágrafo é mobilizada pelo crítico pela força da própria imagem, revelando de maneira direta e condensada a realidade do mundo industrial inglês com seu peso esmagador sobre os homens. Para Williams, a cultura é experiência ordinária, que designa os significados comuns a uma sociedade humana, seus modos de vida usuais e, também, a sua produção artística e intelectual. Por isso, a literatura, entendida como parte da cultura, traz elementos decisivos para a compreensão desse mundo social⁸.

Marshall Bermann, por sua vez, está preocupado em construir uma imagem da modernidade. Como ela se dá em território urbano, nada melhor que escolher espaços físicos e recortes temporais distintos e, pela literatura, mostrar como isso ocorre. Para Bermann, a modernidade se revela pela ambivalência de significados que pode incorporar, o que o leva a propor de início uma periodização em três fases. Ainda que esquemática, ela serve para que o autor selecione seus autores: Goethe, Marx, Baudelaire, Puchkin, Dostoievski, mas também Gogol e Mandelstan; suas cidades: Paris, São Petesburgo, Nova York; e seu foco central: o estabelecimento da cultura moderna, ou, do modernismo. Na sua compreensão, há um primeiro momento – que vai do início do século XVI até o fim do século XVIII – quando as pessoas estão começando a experimentar a vida moderna. É justamente o período em que se

⁷ O autor mostra que Londres experimentara um crescimento de 20% entre 1821 e 1841, as cidades industriais do norte cresceriam no mesmo período mais de 40%.

⁸ Obviamente poderia ser feito um aprofundamento nesse autor, na sua perspectiva marxista de entendimento social, a partir do conceito de “estrutura de sentimento” (como as nossas práticas sociais e os hábitos mentais se coordenam com as formas de produção e de organização socioeconômica, que por sua vez as estruturam em termos do sentido que damos à experiência do vivido), no lugar do termo ideologia... Apenas para marcar: empresta valor estrutural (e de transformação social) às, no mais das vezes, desqualificadas questões de ordem sentimental. Tarefa para um outro momento.

estabelece o capitalismo mercantil, quando as economias e as nações europeias se formam como estados nacionais e lentamente se desestrutura o mundo feudal – esse o período que a leitura do livro de Goethe ajuda a compreender: “O *Fausto* começa num período cujo pensamento e sensibilidade os leitores do século XX reconhecem imediatamente como modernos, mas cujas condições materiais e sociais são ainda medievais (...)” (BERMANN, 1990, p: 40). Em seguida, um segundo momento aparece ligado à Revolução Francesa e às suas consequências e reverberações, quando a população (sobretudo francesa, mas com reflexos no resto da Europa) compartilha a experiência revolucionária, tomando consciência de viver um momento novo, material e espiritualmente, mas que ainda não rompeu totalmente com o mundo anterior. Para Bermann, é esse o momento em que se flagra os desdobramentos da ideia de modernismo e modernização, que se estabelecem ao longo do século XIX. A leitura de Marx e em seguida de Baudelaire esmiúçam as contradições do capitalismo em gestação, em seguida confrontada com o que ele chama de “modernismo do subdesenvolvimento”, ou da periferia do capitalismo – a velha Rússia entre o Ocidente e o Oriente. E o terceiro momento, que ele localiza no século XX, quando esse processo de modernização se expandiria a ponto de abarcar o mundo todo, ainda que com especificidades a partir das experiências locais (processo, que se a gente quiser, ainda está em curso). Nesse momento, ele se volta para Nova York, a sua cidade, e para o projeto de transformação levado adiante por Robert Moses, de modernização avassaladora e destruidora. Desse modo, tanto as cidades quanto a literatura que se produz nelas e sobre elas falam dessa modernidade. Ou a qualificam, revelando de maneira mas precisa suas ambivalências, sua forma de ser nos países centrais e nos periféricos. Nesse sentido, modernidade e experiência urbana formam um binômio de dupla implicação. A cidade, que se constitui como uma questão fundamental para os modernos, tornou-se uma paisagem inevitável, polo de atração e de repúdio, paradoxalmente utopia e inferno. E a literatura explorada por Bermann parece qualificar essa experiência, dando corpo a essa percepção⁹.

Muito bem. Mas como por aqui essas discussões foram incorporadas nos trabalhos que falam de cidade? No Brasil, o recurso às fontes literárias parece datar de meados dos anos 1980. A renovação historiográfica que levava à ampliação das fontes, abordagens e métodos utilizados nos percursos históricos em geral¹⁰ também implicou na expansão do espectro de preocupações sobre as cidades e a sua história. Entre os arquitetos e urbanistas dedicados à

⁹ Aqui também, a mesma ressalva, trata-se de um primeiro olhar para um autor que merece uma leitura mais atenta, de modo a dissecar sua forma de operar.

¹⁰ Segundo Sandra Pesavento, a virada nos estudos históricos produzida pela *história cultural* pode ser situada à “mudança nos anos 1970 ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da New Left, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz no mundo pós-guerra. Foi quando então se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História” (PESAVENTO, 2005, p: 8). De acordo com a autora, as duas principais posições interpretativas da história criticadas foram o marxismo e o movimento dos *Annales*, muito embora parte das inovações, para as quais derivam a nova história cultural, tenham sido produzidas justamente no interior do marxismo inglês e no movimento dos *Annales*, na França. Ambas as correntes parecem ser fundamentais como fonte de reflexão para uma história cultural urbana.



história urbana, as cidades passavam a ser compreendidas não apenas como artefatos construídos, seu atributo mais intrínseco, mas também como campo de conflitos e de significações. Aos historiadores e cientistas sociais, mais acostumados a lidarem com os fenômenos sociais, fazia-se necessário incluir a dimensão material das cidades, percorrendo-se o sentido inverso. A cultura material seria incorporada ao rol de preocupações dos cientistas sociais, mais afeitos à documentação escrita. Mas em ambos os campos, ao se examinar as formas materiais e simbólicas das cidades nas suas figurações literárias, discutia-se e se problematizava sobretudo a ideia de cidade como *locus* da modernidade, realçando-se, de novo, a ambivalência desse conceito. Penso aqui em trabalhos como os de Nicolau Sevcenko sobre o Rio e São Paulo – *Literatura como missão* (1983) e *Orfeu extático na metrópole* (1992) –, ou os de Flora Süssekind, *As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro* (1986) ou *Cinematógrafo de Letras* (1987), frutos dessa concepção do fazer histórico que toma a cidade como um campo de interesse, não apenas como cenário dos acontecimentos. Também Robert Moses Pechmann ou Maria Stella Bresciani lançaram considerações sobre o urbano tomando textos ficcionais como matéria de reflexão. Por esses autores, o que se nota é que a virada do século aparece como o momento privilegiado para essa abordagem, onde a literatura podia apresentar maior rendimento como uma importante fonte de leitura da cidade.

Mas se a discussão vinha informada pela renovação historiográfica nos países centrais, que aproximava a história dos demais campos do pensamento, notadamente a antropologia e a teoria literária, não se pode deixar de nomear a fundamental contribuição de Antonio Candido na incorporação da literatura como forma de entendimento social. O crítico, que publicara o livro *Literatura e Sociedade* (1972) reunindo artigos escritos na década de 1960, justamente problematizava essa ligação, fornecendo elementos importantes para a reflexão. O artigo “A literatura e a vida social”, em especial, elencaria formas de entendimento do problema, que podem ser melhor compreendidas por exemplo na leitura do famoso ensaio “A dialética da malandragem” (1970). Por meio da análise literária do livro *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida, Candido dissecou a formação do Brasil moderno e seus impasses, e, ao falar da sociedade carioca trazia elementos para a compreensão da vida na cidade, sobretudo dos setores médios e baixos em sua relação com as elites.

Como se nota por essas breves considerações, o assunto está longe de qualquer passividade. O que é necessário refletir é como incorporar a literatura de modo a trazer novos elementos de compreensão, e não apenas dizer pela literatura o que se sabe por outras fontes. De algum modo, de maneira muito intuitiva, minha primeira experiência no mestrado pareceu permitir chegar a isso. Agora, como recém ingressa na FAU, proponho um projeto de pesquisa cuja intenção de fundo é continuar aprofundando essa forma de abordagem. Pensando na América Latina, a partir dos escritos de Angel Rama, nota-se uma espécie de boom literário nos anos 1940 e 1950, cujo mote é a urbanização do continente, seus conflitos e consequências. O que essa literatura nos ensina sobre essas cidades? Tomando de empréstimo o título do famoso livro de José Luis Romero – *As cidades e as ideias* –, este projeto de pesquisa pretende olhar para as cidades latino-americanas a partir da discussão de uma possível identidade latino-



americana que se forja na urbanização do continente e que parece ter entre os anos 1930 e 1960 um momento privilegiado para a análise. Por meio da literatura encravada no conflito urbano, que emerge com força nesse período a partir de uma geração de escritores que se firma no continente rompendo com as identidades nacionais – colocada em perspectiva ao debate especializado dos arquitetos e urbanistas unidos em torno de organismos que elaboram e difundem políticas urbanas de maior alcance –, pretende-se entender a “cidade latino-americana” como ideia e como prática, discutindo ao mesmo tempo como as cidades engendram discursos e como elas são engendradas por eles. Se a proposta subjacente à história cultural é “decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressam a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2005, p: 42), e se eu pretendo incidir no campo da história cultural urbana, parece evidente a potência dessas fontes. Resta fazer.

REFERÊNCIAS

- ALMANDOZ, Almandoz, “Notas sobre historia cultural urbana. Una perspectiva latinoamericana”, *Perspectivas urbanas/Urban Perspectives*, ETSAV, Barcelona, n.1, 2002, pp. 29-39.
- ANHEIN, Étienne & LILTI, Antoine, “Savoirs de la littérature: Introduction”. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris: Editions de l’E.H.E.S.S., 65e année, 2010/2, pp. 253-260.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade* (1982). São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRADBURY, Malcon, “As cidades do modernismo”. In: BRADBURY, Malcon e MCFARLANE, James (Orgs.), *Modernismo: Guia geral (1890-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANDIDO, Antonio, *Literatura e Sociedade* (1972). São Paulo: T. A. Queiróz, 1999.
- CASTRO, Ana, “Moderna, nacional, estrangeira. A imagem de São Paulo nos anos 1920 nas crônicas de Menotti del Picchia”. Dissertação (Mestrado). FAU USP, São Paulo, 2005.
- _____, *A São Paulo de Menotti del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda Editorial, 2008.
- _____, “A formação da metrópole pelo olhar de Richard Morse: uma história cultural de São Paulo”. Tese (Doutorado), FAU USP, São Paulo, 2013.
- GORELIK, Adrian, “Cultura urbana sob novas perspectivas – entrevista de Ana Castro e Joana Mello”, *Novos Estudos*, Cebrap, São Paulo, n. 84, 2009, pp.235-49.
- HUNT, Lynn, “História, cultura e texto”. In: *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 1-29.
- MORSE, Richard, “O pesquisador social e o historiador moderno”, *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, n. 113, 1949, pp.36-52.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RAMINELLI, Ronald, “História urbana”. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e método*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, pp.185-202.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura* (1973). São Paulo: Cia de Bolso, 2011.